



GT 50. Gênero, ciência e natureza

Coordenador(es):

Jane Araújo Russo (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Fabíola Rohden (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 1

Debatedor/a: Marcos Castro Carvalho (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 2

Debatedor/a: Daniela Tonelli Manica (Unicamp)

Tradicionalmente, a oposição Natureza X Cultura pressupunha a ideia de uma seara própria da Natureza, em oposição às produções vindas da sociedade, aí incluídas a ciência e a tecnologia. A “volta” à natureza seria também o afastamento da tecnociência. Assiste-se atualmente a uma curiosa bricolagem, que articula o alto valor atribuído à Natureza com a atribuição de um valor igualmente elevado ao discurso científico e à biotecnologia. No escopo desse embricamento, a concepção de um corpo natural não se opõe à possibilidade de treinamento e/ou transformação biotecnológica. Ao contrário, o discurso acerca de um corpo natural (pré-social, biologicamente pré-dado) se acopla ao discurso das evidências científicas, a Natureza sendo vista como passível de aprimoramento. A proposta do GT é acolher discussões que englobem novas configurações ideológicas e novas construções corporais que tratem da articulação entre gênero, ciência e natureza, colocando como possibilidades: tecnologias e adestramento em experiências de gestação e parto; hormônios como agentes na construção do gênero; transformações corporais via recursos cirúrgicos e farmacológicos; reconfigurações da natureza no campo das biotecnologias.

Redes Sociais, tecnologias reprodutivas e a inseminação caseira ? Fazeres e atores das ?techo-maternidades? lésbicas

Autoria: Flora Villas Carvalho (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Possibilitadas, sobretudo, pelas tecnologias reprodutivas - como as reproduções assistidas ? e pelas redes sociais, as maternidades lésbicas no Brasil vêm passando por um amplo processo de crescimento e reconfiguração, a partir dos anos 2000. Com isso, vêm emergindo também uma série de pesquisas a respeito das diversas questões que circundam a maternidade lésbica e suas redes de relações sociais, biotecnológicas e políticas, que se encontram em constante transformação. Longe de ser um fenômeno simples, as múltiplas maternidades que operam dentro das lesbianidades despertam uma série de problemáticas, como: as oposições, socialmente impostas pela lógica heterossexista, entre maternidade e lesbianidade; os vários métodos conceptivos disponíveis para lésbicas e os papéis sociais, atores tecnológicos e cargas legais e morais que trazem consigo; ou ainda as diferentes legitimações sociais hierarquizadas que recebem as mães lésbicas a partir de seus níveis de ?proximidade biológica? com os bebês, tal como as estratégias de negociação e manipulação desta mesma ?biologia?, através das tecnologias científicas e hormonais, e que fazem tensionar a forjada lógica dualista de natureza e cultura. Neste contexto, a inseminação caseira vem tendo expressiva adesão no Brasil graças a seus custos quase nulos, a autonomia frente aos aparatos médicos e hormonais e, ainda, à sua crescente facilitação propiciada pelas redes sociais. Isto, pois, desde 2010, vêm surgindo dezenas de grupos virtuais ? e redes relacionais a partir e com estas plataformas - cujo propósito é unir doadores de esperma e potenciais gestantes em todo o país. Portanto, cada vez mais a



internet e os grupos dentro das redes sociais vêm se tornando atores importantes nos processos de concepção e maternidade lésbica. Sendo assim, meu objetivo nesta pesquisa ? ainda em andamento ? é partir deste contexto, de forma a analisar três destes grupos - também perpassados por uma série de fragilidades e ambiguidades - presentes na plataforma do Facebook: dois deles com foco na inseminação caseira e o terceiro específico de maternidade lésbica e inseminação caseira. Dentro destes, meus objetivos são entender quais discursos a respeito da intersecção entre maternidade lésbica e inseminação caseira estão sendo acionados, combatidos ou discutidos nestes espaços, mas também mapear e analisar quais os papéis das tecnologias - virtuais, corporais, hormonais e médicas - nestes contextos. Portanto, quero aqui pensar a internet não somente como facilitadora do processo de inseminação caseira em mulheres e casais lésbicos, mas também como atriz indissociável nas redes sociotécnicas (Latour, 1994) e construção de corpos e maternidades ciborgues (Haraway, 1985) presentes nesse processo de concepção e maternares lésbicos.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: